



SONHOS & PROJECTOS

Como se despenha um povo do alto da ponte sobre o Tejo na mais dura realidade

Queremos trabalho! Queremos que se produza riqueza social! Queremos acabar com as fantasias embaladoras!

Lisboa está destinada pela sua incomparável situação geográfica a ser uma das cidades mais importantes da Europa. Servida pelo largo e famoso estuário do Tejo, acariciada por um clima de privilégio, cercada de arredores atraentes, de linhas suaves e brando colorido, como os Estoril, como toda a linha de Cascais, esta cidade admirável, devido ao abandono a que os homens a votaram, perde-se dia a dia para a civilização e para o progresso.

As deficiências do seu clima não conseguem fazer esquecer aos que nos visitam as mil e uma contrariedades produzidas pela falta de conforto, pela falta de higiene, pela falta de educação, pela falta de tudo o que é elementar numa capital de renome, como esta.

O estrangeiro chega ao nosso porto e mesmo que seja americano ou chinês vê-se grego, como vulgarmente se diz, para alcançar o caos. Os navios ficam ao largo, como que receosos de tomar contacto com esta cidade tão linda, vista lá de largo, e tão atraçada, quando examinada de perto.

Frágiles embarcações vão buscar o visitante a bordo do transatlântico e trazem-no à terra. Aqui sofrem as primeiras desilusões. Os pavimentos são maus. Ao longo dos cais vêm-se barracos imundos. A alfândega leva-lhes côro e cabelo em impostos absurdos. As estradas de turismo são precipícios perigosos onde os chausfeurs ousados lançam os carros quase à sorte, depois de terem feito em casa, na previsão de uma fatalidade, as últimas disposições.

Se lhes apetece, aos ingénuos visitantes, passar pela cidade para conhecê-la, sofrerão outra desilusão. A casaria é suja, os empregados da Câmara, obedecendo a ordens estúpidas, varrem às quatro horas da tarde a poeira para os fatos dos transeuntes; o trânsito de peões é tão desordenado e incoerente como a política nacional.

E o turista de mal impressionado

Notas & Comentários

Insuperável!

O regime da censura aos jornais é cada vez mais intolerável e vexatório para quem possui um cérebro livre para pensar e uma pena para escrever. As instruções que acarretam de receber e às quais nos é vedado fazer pública referência além de absurdas são ultrajantes. Como não vimos que este governo saia daquela paz pôrde que caracterizou os governos anteriores, chegamos a julgar que a revolução de 28 de Maio foi sólita apenas contra os jornais. Movimentaram-se dez mil homens para pôr uma coleira e uma corrente aos jornalistas. Os jornais, segundo novas exigências da comissão de censura, além das ofensas morais que recebem ainda estão sujeitos aos mais absorventes prejuízos materiais, devido à demora a que se obriga as suas tiragens.

Milagre! Milagre!

Lourdes é a terra santa dos milagres da fé católica. Os milagres são poucos, mas são de abrir a boca de espanto ao mais obstinado dos descrentes.

Das Novidades de ontem passamos a transcrever o seguinte telegrama:

MEDINA, 3. - Faleceu, pelas 2,30 da madrugada, ao chegar a esta estação o comboio de peregrinos de Lourdes, a irmã do arcebispo de Vila Real.

Ora aqui temos, leitor, um milagre estupendo! Ia a Lourdes curar-se e morreu no caminho. Morereu e, portanto, curou-se da sua vez para sempre.

Os traípeiros não vivem do Estado: precisam de andar ao trapo

Um decreto odioso

Notícias ontem a imprensa que, pelo ministério do Interior, estava sendo elaborado um decreto regulando o processo de julgamento dos que forem acusados de perturbadores da ordem pública. O processo será sumário e verificar-se-há em vinte e quatro horas, sendo deportados os que forem condenados. Se, efectivamente, o decreto tem estas características é de um odioso estupor. Em vinte e quatro horas não há possibilidade de se proceder a uma investigação conscientiosa e a deportação é um crime. Mas... cala-te boca: olha a censura!

Uma hora de perigoso engenho

A Sala de Observações do Banco do hospital de São José, recolheu José João, de 12 anos, residente no Sobral do Monte Agrado, trabalhador, e que quando ali, numa propriedade de Francisco João, tentava o engenho de uma hora foi por ele colhido, ficando ferido no pé esquerdo.

AS GRANDES OBRAS

Começou já a degolação dos inocentes com o despedimento de operários municipais

A edilidade militar aboletada no Pelourinho iniciou já a sua obra. Os despedimentos vão ser consumados, a pesar de todos os protestos justos das vítimas. Ninguém escapa ao furacão, pois, não serão menos de 500 os operários condenados à fome. Com isto quer a edilidade militar fazer poupança de 700 contos, ainda que isso force inúmeras famílias a gastar sem recorrer a asseguradas. O plano financeiro-municipal tem uma graça que se torna agressiva: fundar uma economia próspera em quan-
tas ruínas de uma economia farta — em prisões...

A limpeza, os pavimentos, as regas, tudo era péssimo; vai ficar uma maravilha, após o despedimento de meio milhar de operários. E o ataque começa com grande élan, com frenesí.

Não faltará a tragédia. O guarda dos jardins Luis Pinto de Ataíde encontrava-se gravemente enfermo. Veio subita a notícia do seu despedimento, na ocasião dos grandes sacrifícios que uma grave doença comporta — e uma congestão cerebral fulminou a pobre vítima.

Documentos passados por pessoas de reconhecida confiança ou consideração pública, como os médicos e os cirurgiões dos hospitais, não merecem crédito nem exame prévio. Quem esteja com parte de doente, sem dúvida é demitido.

E mesmo uma parte do pessoal que ande de licença disciplinar ou autorizada, será igualmente demitida.

Tudo se corta — para economizar. Despedem-se operários para que diminuam as despesas com salários e nos lares.

Apresentados ao dr. Francisco Menano

os recibos dos respectivos depósitos, foi por aquele magistrado lavrada a ordem de soltura dos três presos que foi levada à Penitenciária pelo escrivão sr. Aníbal Machado.

Nuno Simões, Carneiro Franco e Pinto de Lima aguardavam a libertação com alguns amigos num gabinete.

A's 14,15 chegou à Penitenciária o sr.

Aníbal Machado. Mas, na confusão natural

de Puentevedra, despachante da C. P., rua

Cidade Cardif, 28, cove, ferido no joelho

esquerdo. Depois de pensados no Banco

do São José, seguiram para casa.

No Banco do Hospital de São José, foram pensados e seguiram para casa, Manuel

Barbosa, de 23 anos, sapateiro, rua do Ca-

ho, rez-do-chão, agredido na rua da Beira,

com uma facada no rosto, e Rosário

Fernandes da Costa, de 22 anos, natural

de Arcos de Val de Vez, rua da Oliveira,

22, 2º, que, na residência, foi agredido

pelo marido, ficando ferida no rosto.

E vai enumerando e vai fantasiando. E Mas há quantos anos andam os mais formosos projectos executando bailados na cabeça dos governos das edilidades?

A realidade, a dura realidade é triste, é confrangedora. Chegámos

à última. Presente-se que uma reac-

ção geral contra este estado de coisas se está operando. Mas é lenta e anima-o quase sempre mais o es-

pirito mercantilista, que torna as

cousas pela carestia inacessíveis à

maioria, do que o desejo de realizar

obras progressivas.

Uma multidão operária, fainante,

espera de braços cruzados que es-

te se senhores que tudo podem, por-

que têm o dinheiro, abandonem as

sus deficiências fantasias e materiali-

zam em factos um pouco do muito

que já se projectou.

Os átomos exaltados

Na rua Cidade Cardif, vários indivíduos envolveram em desordem da qual resultou ficarem feridos, Amadeu Dias, de 29

anos, servente de pedreiro, Caminho de Baixo da Penha, 12, loja, no rosto, e Silviano

Vila Nova Souto, de 27 anos, natural

de Puentevedra, despachante da C. P., rua

Cidade Cardif, 28, cove, ferido no joelho

esquerdo. Depois de pensados no Banco

do São José, seguiram para casa.

No Banco do Hospital de São José, foram

pensados e seguiram para casa, Manuel

Barbosa, de 23 anos, sapateiro, rua do Ca-

ho, rez-do-chão, agredido na rua da Beira,

com uma facada no rosto, e Rosário

Fernandes da Costa, de 22 anos, natural

de Arcos de Val de Vez, rua da Oliveira,

22, 2º, que, na residência, foi agredido

pelo marido, ficando ferida no rosto.

E vai enumerando e vai fantasiando.

E Mais há quantos anos andam os mais

formosos projectos executando

bailados na cabeça dos governos das

edilidades?

A realidade, a dura realidade é

triste, é confrangedora. Chegámos

à última. Presente-se que uma reac-

ção geral contra este estado de coisas se está operando. Mas é lenta e anima-o

quase sempre mais o es-

pirito mercantilista, que torna as

cousas pela carestia inacessíveis à

maioria, do que o desejo de realizar

obras progressivas.

Uma entrevista com um senhorio, depois

das declarações de Tavares Adão, imputa-

-se. Mas como consegui-la? Os senho-

rios recusaram-se a fazer declarações.

Todavia, não desistimos. Fomos até ao

extremo. Procurámos o sr. Manuel Silveira,

o senhorio que está mais irritado com

A Batalha, em virtude dos comentários

que temos publicado a seu respeito.

Mas entrevistámos o sr. Manuel Silveira

é mais difícil do que entrevistar o primeiro

ministro da república.

Uma hora de perigoso engenho

Uma comissão delegada do Sindicato dos

Empregados no Comércio e Indústria

convidou todos os operários sócios inscritos,

principalmente os pedreiros, a compa-

recer, hoje, pelas 12 horas, na sede do sindicato,

para efeitos de colocação.

Horário de Trabalho no Comércio

Uma comissão delegada do Sindicato dos

Empregados no Comércio e Indústria

convidou todos os operários sócios inscritos,

principalmente os pedreiros, a compa-

recer, hoje, pelas 12 horas, na sede do sindicato,

para efeitos de colocação.

Uma hora de perigoso engenho

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

A resistência dos camponeses de Molinella à lei de corporações tem sido esforçada

Molinella é uma localidade situada ao centro de Itália. Desculpe-se esta lição de geografia rudimentar, e saiba-se que ali o feroz fascista tem-se encarregado com uma violência brutal. Os trabalhadores, e também as trabalhadoras—tantas vezes a vanguarda da resistência operária—defendiam-se com bravura os ataques e os vexames que os fascistas cometiam.

Ao publicar-se a famosa lei das corporações, os camponeses de Molinella recusaram-se a aderir aos sindicatos fascistas, não os intimidando ameaças. A sua organização sindical foi dissolvida violentamente, sob a acusação de ter "finalidade subversiva e anti-nacional".

A passagem, que seguidamente vamos transcrever de uma carta dirigida aos trabalhadores de Molinella pelo fascio local, é um documento que comprova como a burguesia interpreta o seu adorável princípio da liberdade de trabalho:

"Nenhum operário poderá ser admitido nem estar munido da caderneta dos sindicatos nacionais fascistas; e aquele que se apresente como filiado em qualquer sindicato livre, imediatamente deverá ser despedido."

Os operários que se recusam a aderir às corporações fascistas são perseguidos, agredidos e, muitas vezes, mortos. Os filhos dos trabalhadores têm de ser, forçosamente, educados por preceptores fascistas e matriculados em instituições de infância dos fascistas, denominadas *babilas*.

Os camponeses, porém, reagem. Numa aldeia próxima de Cagliari, cerca de 3.000 camponeses, armados dos seus instrumentos de trabalho, atacaram a *mairie* e feriram o *maire* e outros funcionários. A revolta foi sufocada com reforços chegados de vários pontos. Contudo, em várias localidades os operários têm reagido contra a obrigatoriedade das corporações.

Esta resistência causa vítimas. Em Julho foram presos mais de duzentos trabalhadores, dos quais ainda conservam em clausura uns trinta.

AS VITIMAS DO CAPITALISMO

Os trabalhadores da Bessarabia são obrigados ao êxodo para não morrerem por falta de recursos

As estatísticas referentes à Bessarabia, actualmente, submetida à Romênia, mostram que a situação económica naquele país agrava-se constantemente. O operário não encontra onde empregar a sua atividade, vendendo obrigado a emigrar para a Romênia, o velho-reino.

A maior parte dos bessarabios, porém, não conhecem o idioma romeno, do que resulta as enormes dificuldades na consecução de trabalho e, por isso, o alastramento da crise. Em todas as indústrias, verifica-se uma forte redução de trabalho, dobrado, mesmo, em comparação a 1925.

Assim, no último trimestre de 1925, segundo as estatísticas publicadas — houve 2.752 pedidos de mão-de-obra na Bessarabia, ao passo que se registaram 3.559 pedi-

Imbecilidade policial

Prender, privar um operário da liberdade, está hoje reconhecido como um gesto de psicose policial. Raro é o dia em que as prisões de operários não nos dêm assunto para comentário. E, inviavelmente, o leitor tem notado que o motivo das prisões de operários é único: por estarem soltos.

Todavia, a polícia nas suas participações engendra sempre acusações fantásticas. Quere o leitor uma prova?

No passado sábado, por volta da meia-noite, o operário manufaturor de cajado, Jorge Simões, encontrava-se, com outras pessoas na avenida da Liberdade, junto à explanada. De súbito surgiu a rusa e Jorge Simões foi preso.

Queremos agora saber a acusação que pesa sobre este grrrante criminoso? Nada menos do que andar a mendigar.

Na falta de melhor acusação a polícia acusou este operário, que nunca foi preso, de exercer a mendicidade e pregou com ele no calabouço 5.º do Governo Civil.

Jorge Simões tem, para desfazer a grave acusação da polícia, uma testemunha da Junta da Freguesia onde está domiciliado e uma declaração do industrial para quem trabalha, em que se prova que não é mendigo.

No entanto o calabouço 5.º tem três dias que lhe serve de alcova, porque assim o entende esta imbecil polícia que, para nos desgraça, nos guarda a vida...

Quem achou?

O operário condutor de carroças, Manuel Pinto Quaresma, perdeu, desde a sua direita de Mutela ao Monte de Caparica, uma carteira que continha uma pequena quantia e vários documentos que lhe fazem muita falta. Pede, por isso, a pessoa que tenha, porventura, achado a carteira, o favor de a enviar para o Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra do Caramulo, ou para a administração do nosso jornal.

Julgamento

Efectua-se hoje, no tribunal da Boa Hora, o julgamento do *chaufleur* Bartolomeu dos Santos, ao serviço do *fôrça-viva* Carlos de Oliveira, que, há tempos, matou, com um pontapé no ventre, um infeliz velhote de nome António de Sousa, de 68 anos, guarda na garagem da Sociedade Portuguesa de Automóveis, rua Alexandre Herculano. A acusação está a cargo do dr. Orlando Marçal.

Si, em liberdade, digerem, gosam e dormem sem sombra de remorso, sem um rebate de consciência, sem a menor preocupação pelo futuro dos filhos, certos e confiantes em que o *cordeiro manso* nunca poderá tornar-se — porque isso iria contra as leis da natureza, contra as leis da espécie — no *lobo carnívoro* e *vingador*...

Lisboa, 2 de Agosto de 1933.

O teu defensor dedicado, mas arrependido de o ter sido,

Alexandre Sobral de CAMPOS

TIVOLI

TELEFONE N. 5474
ÀS 21 HORAS

Um casamento à americana

Comédia em oito partes, com OSSIE OSWALDA

Uma aliança perigosa

(Cinco partes), produção francesa, com DOLLY DAVIS

DOLLY é o principal pape

UM DOCUMENTÁRIO

NO REINO DO AR

Bonecos desenhados por J. R. BRAY

Amanhã: Matinée às 3 horas

A fúria de um polícia, segundo informação do hospital de São José

Na Golegá residem vários operários que se empregam nas oficinas gerais que a C. P. possui no Entroncamento, entre elas o serraleiro montador, Artur Maria Correia, de 21 anos, natural de Lisboa. Há tempos, o Correia, enamorou-se de uma rapariga daquela vila, Catarina Maltez, de 22 anos, costureira, filha do Sebastião da Silva Maltez e de Maria da Conceição Gouveia, residente na rua da Rosa, na Golegá. Tem a Catarina um irmão, Joaquim da Silva Maltez, de 35 anos, guarda da P. S. P. n.º 1.039, ao serviço da Câmara Municipal de Lisboa, o qual, por vezes, se tem dirigido ao Correia, a fim de este realizar, com brevidade, o enlace com a Catarina. Ontem, de novo, o Joaquim dirigiu-se à Golegá, e à hora em que de manhã, os operários iam para o trabalho, cujo percurso os que residem na Golegá costumam fazer, dali às oficinas, em bicicleta. Quando um grupo de seis passava próxima da vila de Francisco Calado, conhecida pela vinha do Francisco Abegão, saliu-lhes à frente, na estrada, o Joaquim, armado de uma espingarda cacadeira, intimando-os a fazer alto, no que foi imediatamente obedecido. Depois, dirigiu-se ao Correia, com quem trocou algumas palavras, apontando-lhe em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a cargo aívejar o Correia, ferido-o bastante, em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souou um tiro, cuja carga foi atingir, na

MARCO POSTAL

Pórtico — João Vieira Alves. — Recebemos carta com 32\$50, que liquidou a sua assinatura até à data. Correspondente em Penafiel, já temos.

Coimbra. — Dr. Manuel dos Reis. — Recebemos 6\$50 que pagou a assinatura do mês de Julho, p. p.

Eredval. — Casimiro Neves de Almeida. — Recebemos vale de 15\$00. Assinatura não paga até 12 do corrente.

AGENDA

CALENDARIO DE AGOSTO

	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,41
D.	8	15	22	29	Desaparece às 19,44
S.	9	16	23	30	FASES DA LUA
I.	10	17	24	31	L. N. dia 8 as 3,49
Q.	11	18	25		L. C. 23 - 12,38
W.	12	19	26		Q. M. 30 - 4,40

MARES DE HOJE

Fraijam as 6,09 e às 6,36

Baixamar as 11,39 e às ...

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid, cheque	3901	
Paris, cheque	53,5	
Suíça	370,5	
Bruxelas cheque	53,5	
New-York	1955	
Amsterdam	785	
Itália, cheque	365	
Brasil	300	
Praga	558	
Suécia, cheque	5524	
Austria, cheque	2577	
Berlim	4366	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Educaçal — As 21 — Os Filhos.
Omnidão. — As 21,30. — «Três Meninas...» Nasas.
Nápoli. — As 21,45. — A Casa de Suzana.
Típico. — As 21,30. — O Homem das 5 Horas.
Dioniso. — As 21,30. — O Leão da Estrela.
Eneida. — As 21,15. — O Dr. da Mula Ruiva.
«Havia Vitoria». — As 21 e às 22,15. — O Az de Es. padas.

Salão São. — As 21. — Variedades.

Variedades. — As 21,15 e às 22,15. — O Pô de Arroz

Cinema. — II Vicente (A Graciosa) — Espectáculos 13,30

... sábados e domingos com matiné.

Livro Parque. — Todas as noites. Concertos di-

tertícias.

CINEMAS
Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Ter-

rass — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança

Tertícias — Cine Paris.

FÁBRICA
quadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

LIMAS NACIONAIS

Só grande fábrica
dada lugar a um
novo tipo de
cimento
consumo em Portugal
limas estran-
geiras, visto que
as limas meca-
nicas de Limas
presas de Limas
realizaram em pre-
cisamente o que
exigiam os países
que necessitam de
limas para a
fabricação de ferreiros

MARCAS REGISTADAS
Único Tomé Fetter, Lda. —
Equipação para a fabricação de limas
de precisão para uso industrial
e particular. — Limas de precisão
para uso industrial e particular.

UNIÃO

Vias urinarias

Corrimos
Gota militar
Prostatites
Cystites
Côncicos, microlos
dos corrimentos

ESTANCAOS
pelo

PAGEOL

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões — Dr. Armando Narciso — As 5 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Villar — 4 horas.
Rárias vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Pele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Gengivas, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 horas.
Doenças das membranas — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Câncer e radio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Raio X — Dr. Atílio Salim — 4 horas.
Dr. Gabriel Beato — 4 horas.

Policlínica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1º

TELEF. N. 1203

Dr. Júlio Gonçalves — Boca e dentes, às 13 horas.

Dr. António Monteiro — Clínica geral, senhoras e crianças, às 11 horas.

Dr. Lourenço Raimundo — Rárias e vias urinárias, às 13 1/2.

Dr. António Fernandes — Medicina geral e doenças nervosas, às 15 1/2.

Dr. João Saraiva — Doenças dos olhos, às 15 1/2.

Dr. João de Moraes Sarmento — Ginecologia e operações, às 16 h.

Dr. Raival Saavedra — Pele, sifilis e pulmões, às 17 h.

Dr. Tavares do Couto — Garganta, nariz e ouvidos, às 15 1/2.

Dr. José Crespo — 17 1/2 h. — Clínica médica, estômago, intestinos e fígado.

Análises clínicas, electroterapia, massagem e ginástica médica

Serviço de livraria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja

A Evolução legal e anarquia

Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.

José Prat — A burguesia e o proletariado.

A necessidade da Associação.

Content — Contra o confusionalismo.

Alfredo Neves Dias — Razão (poema social).

Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social.

Landauer — Social Democrazia.

R. Mela — O princípio do fim.

... A maçonaria e o proletariado.

I. Most — Peste religiosa.

João P. do Rio — Definições sociais.

Horas anárquicas (versos).

... Carnet de Pensamento.

J. Bakunin — O sentido em que somos anarquistas.

Chueca — Como não ser anarquista.

Lazaro — A Liberdade.

B. Etriván — A minha defesa.

J. Kropotkin — Os bastidores da guerra.

Moral anarquista.

O espírito revolucionário.

O estado e o seu papel histórico.

J. Guedes — Lei dos Salarios.

Briand — A greve geral.

Roland — Russia Nova.

... O sindicalismo e os intelectuais.

D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário.

A. Hamon — A crise do socialismo.

J. Santos — A transformação da sociedade.

Neno Vasco — Georgics.

Greve de inquilinos, teatro.

... Proletariado Histórico.

G. Archinof — A Revolução social e o Sindicalismo.

Carlos Rates — A ditadura do proletariado.

Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus.

Rodolfo Rocker — O sindicalismo revol. e a organização operária.

Trostky — Constituição política da República dos Sovientes.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à Administração da

A BATALHA

SAVADOR BARATA, LDA

RUA DAS OMIVOTAS N.º 19-A a 19-B
TELEFONE T. 246 MISBUD

Fabricantes dos Alvaiares marca «GAIVOTA» e únicos depositários do
PÓ RODRIGUES,
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS,
BARATAS, FORMIGAS, etc.
Ilhas — JOSÉ GOES FERREIRA FUNCHAL

A VENDA em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS

mirabeau — O Jardim dos Suplicios.. 4500

Noqueira de Brito

I — Memoriem de Angela Pinto 15500

Passano — Iniciação matemática... 5500

Pargame — Origem da vida... 8500

Oliveira Martins

Helenismo e a Civilização Cristã. 15500

História da Civilização Ibérica. 15500

História da República Romana (2 volumes). 30000

História de Portugal (2 vol.). 30000

Racas Humanas (2 vol.). 30000

O Brasil e as Colônias Portuguesas 15500

Cartas Peninsulares... 15500

Sistema dos meios e fícções religiosas... 15500

Orlando Margal

Aguas claras... 6500

Imagens de Sônhos... 1500

Raul Brandão

Os Pescadores... 10500

Os Pobres... 10500

O Teatro... 8500

Spencer-Da Educação (br. 5500) enc. 8550

Tolstoi — A sonata do Kreutzer... 4500

Ana Karenine... 5500

Toulouse — Como se deve educar o espirito... 4500

Victor Hugo

França e Belgica... 10500

O Reno (2 v.)... 15500

Os Miséraveis (2 grossos vol) ilustrados, encadernados... 40500

Zola

A Taberna... 12500

A BATALHA

A mulher de Alves Reis deu entrada no Aljube, sendo-lhe arbitrada a fiança de cinco mil contos

As levas de condenados para África

Como se "regeneram" criminosos

A polícia, os tribunais e a procuradoria da república—eis as organizações que têm a seu cargo obrigar os criminosos à regeneração.

A defesa da sociedade está entregue a três classes distintas e nenhuma verdadeira, que blasfomam os seus serviços, os seus sacrifícios a bem da ordem pública, patanhas que muitos incrédulos tomam como verdades.

A verdade, infelizmente, é esta: a polícia exerce muitas vinganças sobre indivíduos que lhe caem em desagrado, e outros que encontra ao acaso na rua, enviando-os ao tribunal como vadios porque uma crise de trabalho os tornou mais assustados frequentadores da taberna ou porque uma rusga os encontrou no Altero, com fome, abandonados; os tribunais interpretam a lei de muitas maneiras e cometem verdadeiras infâncias acreditando as mentiras da polícia e condenando os homens sem cadastro e até doentes que pela primeira vez cairão na alcada da lei; a procuradoria da república completa esta obra de destruição humana, mandando-os para África doentes, rôtos, mortos de fome.

E' assim que se regeneram criminosos e se punem delinqüentes em Portugal. A lei e a sociedade procuram assim engrandecer-se sob os milhares de vítimas que arremessam para o Alto das Cruzes, de Loanda, a sepultura aberta donde vão cair em massa todas as levas judeus condenados e entregues ao governo que não vão morrer ao interior.

Portugal está tornado um país onde não há, para os infelizes deserdados, outro recurso que não seja o da morte. O que não possuir o abrigo dum miserável tugúrio, onde possa morrer de fome em silêncio, encontra na lei o fim da sua existência, apesar de não lhes poder ser aplicada a pena de morte, que foi banida dos códigos.

* * *

As levas de condenados e entregues ao governo para África, são a demonstração trágica do atraso em que o país se encontra e da pouca consideração que merecem aos governantes as vidas dos que têm a desdita de cair entre ferros da república.

Custa a crer que a Procuradoria da Repùblica se imponha aos médicos que inspecionam os presos e quase imponha a inclusão nas levas de homens doentes, declarados pelos médicos, tuberculosos! E isto é infelizmente verdadeiro!

Na última leva foram alguns destes desgraçados que a Procuradoria à força de velar pela "segurança da sociedade" fez embarcar, para os curar de vez... E entre aqueles infelizes foram também pobres loucos, que os tribunais condenaram como vadios, para defesa da sociedade, a Procuradoria da Repùblica manda "regenerar" para Alto das Cruzes e os médicos, sem um assomo de dignidade profissional, consentiram em tal instância, quando o estado de desequilíbrio mental das duas vítimas era bem visível e conhecido dos próprios empregados da cadeia como não podia passar despercebido a qualquer pessoa que quem elas trocasse um simples olhar.

Isto faz-se em Portugal! E' com estas medidas que se purifica a sociedade, que se limpam as cidades e que os altos funcionários justificam os seus vencimentos.

E nem em nome dos sagrados princípios

EM LEIRIA

Para salvar um polícia autor de várias infâncias e violências pretende-se incriminar um operário

Publicou há dias a Batalha uma correspondência de Leiria referindo as violências ignoráveis que a polícia daquela cidade tem cometido contra vários presos. Referimos também, nessa altura, as violências cometidas pelo polícia 52 daquela cidade, de nome Matias Lopes da Silva. Chegou-nos agora as mãos um extenso manifesto em que são relatadas novas infâncias e do qual transcrevemos as seguintes passagens essenciais:

"Há já tempos, encontrando-se presa uma mulher de quem projectava abusar, depois de a levar à secretaria do comissariado a pregunta, saiu acompanhado por ela e levou-a a passar a noite em comitório no quarto de um seu colega. Engana-se!"

Como a entrada dele, acompanhado dum mulher que horas antes estava presa, para aquele local, despertas suspeitas no guarda de serviço à área, este aproximou-se a ver melhor o que se passava.

Ao ver-se surpreendido, o Silva, saindo à rua, dirigiu-se ao referido polícia e intrometeu-se na ameaça dum tiro na cabeça—a que dali saisse e não mais o tentasse espreitar.

Não é este um caso esporádico e a série de vilanias aumenta.

Haverá, talvez dois meses e meio, com o pretexto de a submeter a perguntas, para buscar uma mulher ao Vale do Sobreiro, de nome Inácia de Jesus, casada com um prego que se achava em Leiria.

No caminho tentou abusar dela, não tendo conseguido devido ao aparecimento repentina de dois carreiros na estrada.

Sentiu contrariados os seus desejos lúbricos e não pôde ver satisfeita a sua fúria de masmarro, mas não desistiu e ficou a rumiar vingança, a premeditar desforra que lhe deixasse compensador lucro.

No dia 14 do passado mês de Julho, intrometeu-se Maria José de Jesus, solteira, de 18 anos de idade, irmã da acima indicada, a comparecer em Leiria, na secção de investigação, a fim, segundo fez constar, de prestar declarações.

Antes de comparecer fê-la esperar muitíssimo e depois da sua chegada, não abordando qualquer conversa que à polícia e aos pretextos invocados dissesse respeito, tratou de entrar em conversas preparatórias da vila que trazia engatilhada.

Accompanhado por ela saiu depois da sua rotaria e levou-a a jantar a um estabelecimento de comidas desta cidade, donde saiu com ela pelas oito horas da noite.

Vagueou pelos arrabaldes obrigando a

INTERESSES DE CLASSE

A situação económica e moral dos pescadores

A luta pela existência em todos os ramos da vida do proletariado é excessivamente terrível, ardida, dolorosa. Mas há uma classe entre todas as que lutam pela existência, que se sobreleva em sacrifício a quasi todas as outras: é a pescaria, à qual pertence o signatário destas linhas.

Ninguém ignora o perigo com que nós, os pescadores, enfrentamos intrépidamente sem hesitações o mar revolto em noites temerosas de inverno e, no entanto, como temos recompensas o nosso esforço? A resposta a esta interrogação é o que eu passo a exportar, sem receio de desmentido.

Por uma matrícula firmada na Capitanía do Porto de Lisboa, entre nós, pescadores e os armadores, obrigam-nos estes pelas condições dessas matrículas a pagar como vencimento diário, afunda camaradas a quantia que varia entre \$70 e \$100, mais se obriga a dar-nos um percentagem de 20% sobre as vendas do peixe, depois de deducidas as despesas alfandegárias e outras inerentes à laboração da pesca, a qual será dividida entre todos os camaradas que compõem a companhia de cada cérco.

Ainda se obrigam os armadores a dar-nos todas as vezes que o céreto mante sardinha, uma porção de peixe, denominada caldeira. Quem não conhecer este ramo de indústria, estou certo que ficará estupefacto perante o que acaba de expor, porque dirão como é que um homem, muitas vezes com encargo da manutenção de 4 ou mais pessoas de família, pode fazer face a esses encargos com tão restritos proveitos.

Não depende, evidentemente, do vencimento diário, por conseguinte, tem de ser do produto das caldeiradas e da percentagem.

Sucedeu, porém, que os armadores não se sujeitam a uma fiscalização feita por nossa parte, porque nos vêm dando o que muito bem entendem, não admitindo que algum camarada inquire sobre as despesas feitas com aquisição de sal, água, luz e impostos alfandegários a que está sujeita a venda da sardinha, e consequentemente possa saber quanto devia receber, com exactidão, aquilo que legitimamente nos pertence.

Não parte que diz respeito às caldeiradas, passa a explicar a forma como é feita a sua distribuição.

Depois de verificado, pelo mestre de pesca, a quantidade de peixe que se encontra dentro da cupejada, são, por escala, no máximo 4 camaradas para pegar esse peixe para bordo dos buques e, a medida que se procede ao carregamento desses barcos, o mestre vai procurando saber a quantidade que resta.

Quando dentro dessas redes só existe uma quantidade de peixe muito diminuta em relação àquela que se encontra dentro dos buques, é que é dada a voz de *á unha* e desligrados sobre a borda do galéu militares de um saco de rede, a que é dado o nome de chalavar, procurando assim distinguir as poucas sardinhas que se encontram dentro da cupejada, como se fizessem uns famintos que estivessem disputando os restos dum banquete.

O mestre que origina a demora desses camaradas nesta revolta e vexatória forma de pagar o trabalho, faz-nos suspender essa tarefa agredindo-nos com archotes acessos e com remos dos buques ou qualquer outro objecto com que nos possa encapuzar.

Quem fôr dotado daqueles sentimentos que ornamentam um homem de bem, não poderá decerto deixar de se revoltar contra estes actos que só demonstram selvajaria.

Perante tudo isto só um caminho se nos depara, a organização, e pela luta das classes, eis o meio pelo qual poderemos levantar a dignidade de uma classe que vem sendo cotidianamente vilipendiada.

E' preciso fazermos reconhecer aos senhores potestados que temos o direito inalienável à existência, como trabalhadores que somos e que vimos alimentando com o nosso trabalho os ociosos, que nenhuma dos sustentáculos das suas prodigalidades afrontosas, a nós, trabalhadores.

Urge, portanto, que em Setúbal, Olhão, Faro, Portimão e em Lisboa se tome a resolução imediata de criar os seus organismos sindicais, única forma que se me afigura de um bom êxito para o objectivo que pretendemos atingir.

Daqui levanto o alívio, consciente de que os camaradas que se encontram naqueles portos piscatórios, e que reconhecem esta grande necessidade, digam da sua justiça, por intermédio dos correspondentes de A Batalha, para actuarmos conforme as circunstâncias o indicarem.—Um pescador.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Depósito Central de Fardamentos

Dissemos nós, há dias, que havia sido afastado do serviço do Depósito Central de Fardamentos o tenente coronel Lemos, director daquele estabelecimento, por motivo da sindicância que lhe está sendo feita.

Chega-nos a notícia, porém, de que o sr. Lemos continua a dirigir todos os serviços do Depósito, para o que se instalou na "Mess", dos oficiais, onde lhe são submetidos os assuntos a despacho.

Razão tínhamos nós quando dissemos que o sr. Lemos devia ser logo suspenso ao iniciar-se a sindicância.

Veremos no que tudo isto vai dar...

TAXIMETROS MAIS BARATOS!

Dois novas tarifas que muito poderão beneficiar a população lisboeta

Nos últimos tempos têm chovido os taxímetros em Lisboa. Estabeleceu-se logo de comigo uma febril concorrência que a falta dum impossível monopólio torna vastíssima. A confusão e alegria que os taxímetros lançam nas ruas de Lisboa correspondem dum confusão de preços que o público dificilmente consegue discernir. Porque razão ha-de existir um preço caro e preços baratos para um serviço de tão grande utilidade pública?

A Carris estava sózinha em campo, ou melhor: sózinha nas ruas, transportando-nos em carros onde quase se não respira, exigindo-nos muito dinheiro e dando-nos escasso serviço, à guisa de invidável betina.

Um operário, um empregado, qualquer pessoa, teria de submeter as suas preocupações de urgência ao critério de uma companhia laudamente favorecida e farta mente brutal. Vieram os taxímetros, mas, até hoje, o seu preço, se bem impedindo os constantes e odiosos aumentos de tarifas nos carros eléctricos, não conseguem que uma pessoa, ocupada muito mais legitimamente pelos seus interesses que pelos da Carris, pudesse escolher um meio de transporte mais rápido e mais económico.

Uma informação da Câmara Municipal tornou-se no assunto de grande interesse. Luis Junqueiro apresentou à Câmara um requerimento, que foi deferido, em que pediu autorização para apresentar ao serviço das ruas um taxímetro de novo tipo para dividir as frações de \$60 em três de \$20, não alterando o percurso dos 800 metros como está estipulado na lei. Ao fim dos 800 metros vem a pagar só \$30 e por cada 100 metros mais \$20. O aparelho foi examinado na repartição das aferições, dando o resultado desejado.

Também Vitor Manuel Novo pediu à Câmara autorização para pôr na praça um automóvel «Fiat», tipo 509, 4 lugares, para serviço de taxímetro com a seguinte tabela:

Tarifa n.º 1, serviço de ida e volta ou contínuo (1 a 4 pessoas), pelos primeiros 800 metros ou fração, \$50; por cada 300 metros a mais, ou fração, \$50; por cada 5 minutos de espera ou fração, \$30. Tarifa n.º 2, serviço por corrida (1 a 4 pessoas), pelos primeiros 550 metros ou fração, \$50; por cada 200 metros a mais ou fração, \$50; por cada 5 minutos de espera ou fração, \$50. Os serviços para fora de Lisboa são pôr tarifa 1, pagando o frete a ida e o regresso. O requerimento foi deferido.

Tudo isso está muito certo, e não deve deixar de merecer o nosso aplauso. Desejamos, porém, que o número destas iniciativas—que, notável circunstância! nunca fizeram parte de maravilhosos planos de fomento e economia—se multiplique tanto que os carros eléctricos e os automóveis carros desapareçam, e que quem tenha de fazer transportar rapidamente a um lugar de trabalho ou de recreio não esteja a mercê de monopólios odiosos.

Tudo isso está muito certo, e não deve deixar de merecer o nosso aplauso. Desejamos, porém, que o número destas iniciativas—que, notável circunstância! nunca fizeram parte de maravilhosos planos de fomento e economia—se multiplique tanto que os carros eléctricos e os automóveis carros desapareçam, e que quem tenha de fazer transportar rapidamente a um lugar de trabalho ou de recreio não esteja a mercê de monopólios odiosos.

Mas como têm passado impunes muitos crimes destes praticados por essas oficinas e fábricas fora, é natural que este passe também em branco... por falta de um documento passado pelo "malhador".

De resto, o citado industrial está em boas relações com o pai do céu: o múnio apostólico, o delegado do Pão e o querido santo Antoninho do Bomfim, concedeu-duzentos dias de indulgência aos veneradores do santo. Ora como Vieira da Silva é um fervoroso devoto do pão do Santo Antoninho, está também, incluído na indulgência—está, portanto, perdoado do duro e perpétuo pão, que encheu o corpo do infeliz António dos Anjos a viajar pelo eterno.

Se é isto é mais que suficiente.

Mas como têm passado impunes muitos crimes destes praticados por essas oficinas e fábricas fora, é natural que este passe também em branco... por falta de um documento passado pelo "malhador".

De resto, o citado industrial está em boas relações com o pai do céu: o múnio apostólico, o delegado do Pão e o querido santo Antoninho do Bomfim, concedeu-duzentos dias de indulgência aos veneradores do santo.

Ora como Vieira da Silva é um fervoroso devoto do pão do Santo Antoninho, está também, incluído na indulgência—está, portanto, perdoado do duro e perpétuo pão, que encheu o corpo do infeliz António dos Anjos a viajar pelo eterno.

Se é isto é mais que suficiente.

Um patrício é um patrício, gosa de imundícias capitalistas. Moço operário a mais,

Demais, segundo outras informações, o bom e religioso Vieira da Silva deu alguma coisa para o eterno, com muito custo é certo, mas isso foi devido ao facto de lhe terem apudado a mulher em sinal de revolta popular contra o mencionado esplanamento que veio produzir morte dum ariano em holocausto ao revigorimento da raça...

E agora? Agora acabou-se: já não se pode tirar as pincadas do corpo da vítima em putrefacção e ainda muito menos restituirlhe a vida...

Este sistema não podia persistir: não se podia manter este regime de favoritismo.

Além disso os trabalhadores ficavam sujeitos à vingança dos encarregados porque estes é que os escolhia para determinados serviços. Trabalhador que não fosse obediente às suas ordens e aos seus caprichos era logo substituído. Para ser sistemáticamente excluído do trabalho bastava o mais insignificante capricho.

Basta a citação destes factos para que se reconheça a insufável utilidade da escala de trabalho. Tôdas as criaturas de espírito recto e justiçiero concordarão, portanto, que aí escala de trabalho era um meio excelente para evitar que estássemos de fome todos os que não tiveram a felicidade de nascer armadores, agentes de navegação ou encarregados.

Aqui têm os leitores succinctamente expositas as razões do *lock-out* dos armadores e dos agentes de navegação que pretendem destruir a régua, justa e necessária, da escala de trabalho.

Prevenem-se todos os operários desta indústria de que não devem aceder a trabalhar para a oficina do industrial Manuel do Carino Neves, com maior número de horas de trabalho que as estabelecidas por este sindicato, ou, ainda, com baixa de sa-